

**CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA CARNE OVINA EM TAUÁ
(CE)****CHARACTERISTICS OF LAMB MEAT PRODUCTION CHAIN IN TAUÁ (CE)**

Autores: Juan Diego Ferelli de Souza¹, Ernandes Barboza Belchior¹, Lucas Rasi², Osmar Ramão Galeano de Souza³

Filiação: Embrapa Caprinos e Ovinos¹, FATEC Campo Grande², UFMS³

E-mail: juan.souza@embrapa.br, ernandes.belchior@embrapa.br,
lucasrasi@uol.com.br, ramao_galeano@yahoo.com.br

Grupo de Pesquisa: Sistemas Agroalimentares e Cadeias Agroindustriais

Resumo

O presente artigo apresenta a descrição analítica da cadeia produtiva da carne ovina no município de Tauá (CE). A ovinocultura de corte é uma atividade em fase de desenvolvimento e consolidação em diversos locais no Brasil, no entanto ainda enfrenta desafios que precisam ser superados. Dentre os principais entraves para a sua consolidação está a predominância da informalidade nas atividades de abate e de processamento dos ovinos. A caracterização da cadeia produtiva foi realizada por meio de aplicação de questionários junto a 336 produtores rurais criadores de ovinos no município e pela realização de entrevistas com roteiro semiestruturado com sete atravessadores e marchantes que atuam comprando e vendendo ovinos vivos e carne ovina no município. Foram mapeadas as transações realizadas pelos produtores rurais e os principais canais de comercialização por eles utilizados. Constatou-se que 16,7% dos produtores realizam o abate de ovinos com o intuito de comercializar a carne produzida, enquanto 83,3% costumam vender os ovinos vivos para os atravessadores ou para os marchantes. Os produtores rurais são responsáveis pelo abate de 9,9% dos ovinos produzidos e comercializados no município de Tauá, indicando que a maior parte dos abates não inspecionados é realizada por agentes localizados nos estágios pós-porteira da cadeia produtiva da ovinocultura de corte.

Palavras-chave: informalidade, atravessador, marchante, transações, abate.

Abstract

This paper presents an analytical description of the production chain of lamb meat in the municipality of Tauá (CE). The production of lamb meat is an activity under a development process and consolidation in several locations of Brazil, but still faces challenges that must be overcome. Among the main obstacles to their consolidation there is the prevalence of informality in the activities of lamb slaughtering. The characterization of the production chain was performed by applying questionnaires from 336 lamb farmers in the municipality, and conducting semi-structured interviews with seven butchers and middlemen that act buying and selling live lamb and lamb meat in the city. It were mapped the transactions carried out by the farmers and the main marketing channels used by them. It was found that 16.7% of producers perform the lamb slaughter on the farm in order to sell the produced meat, while 83.3% usually sell live for middlemen or for the butchers. The farmers are responsible for the slaughter of 9.9% lamb produced and marketed in the municipality of

Tauá. This indicates that most of the non-inspected slaughters are performed by agents located in the off-farm stages of this production chain.

Key words: *informality, middleman, butcher, transactions, slaughter*

1. Introdução

A produção de ovinos é uma atividade tradicional na região Nordeste do Brasil e nela estavam localizados 55,5% dos 16,7 milhões de ovinos do país no ano de 2012 (IBGE, 2013). O estado do Ceará possui o terceiro maior rebanho ovino do país com 2 milhões de animais e o município com o maior rebanho é Tauá, com 135 mil animais. No entanto, apesar da produção de carne ovina ser uma atividade econômica com potencial de geração de renda para os produtores rurais em virtude de suas características produtivas e do crescimento da demanda pelo produto, este setor enfrenta alguns entraves para o seu desenvolvimento, dentre os quais está o alto grau de informalidade nos estágios de abate de animais e processamento da carne.

Em função da relevância da atividade de produção de carne ovina do município de Tauá, bem como da dinâmica de produção e comercialização dos ovinos para abate e da carne in natura, esse município é a primeira localidade do país a receber as atividades do Programa Rota do Cordeiro. O Programa é resultado de uma parceria entre o Ministério da Integração Nacional e a Embrapa Caprinos e Ovinos. O Programa prevê a implantação de núcleos de inovação na produção de ovinos de corte, em localidades com produção tradicional e com concentração de rebanhos na região Nordeste. O objetivo deste programa é criar um ambiente que favoreça a demonstração e utilização de uma série de atividades e tecnologias de produção que podem melhorar a renda do produtor de ovinos de corte, facilitar o acesso ao mercado formal e incentivar o associativismo.

Os dados apresentados no presente artigo são resultados da primeira etapa do Programa Rota do Cordeiro e tem o propósito de fornecer subsídios ao planejamento das ações de implantação do programa em suas diversas áreas. Dentre as áreas do projeto que serão abastecidas com as informações deste estudo estão: a) fase de cria; b) fase de terminação; c) estágio de abate de ovinos e processamento de carne; d) definição de estratégias de comercialização; e, por fim, e) avaliação do impacto socioeconômico da implantação do Programa.

No que diz respeito ao consumo da carne ovina, a qualidade e a segurança passaram a fazer parte das exigências dos consumidores. Neste sentido, Grunert (2005) afirma que a qualidade e a segurança são dois fatores centrais na escolha de alimentos, especialmente para os consumidores com maior poder aquisitivo. Martins et al. (2008) analisaram o perfil dos consumidores de carne ovina no estado de Alagoas e identificaram que 36% dos consumidores participantes da amostra possuem renda familiar superior a 10 salários mínimos, em geral possuem nível superior completo (48%) e compram carne ovina por ser saudável (26%) ou com o intuito de variar o cardápio na alimentação da família (19%).

Apesar do potencial de desenvolvimento desta cadeia produtiva, a atividade é caracterizada pela prevalência de arranjos produtivos pouco organizados, incapazes de gerar competitividade para o sistema agroindustrial da ovinocultura (CARVALHO; SOUZA, 2008). Em locais em que existem abatedouros frigoríficos inspecionados em operação, os

empresários relatam grandes dificuldades para a obtenção de ovinos para abate, tanto em termos de quantidade quanto de qualidade de animais disponíveis.

A indústria atribui tais dificuldades às estruturas informais de abate, que lhes impõem condições desleais de competitividade. Por outro lado, os produtores rurais tendem preferir realizar transações com aqueles compradores que lhes ofereçam condições de negociação mais favoráveis, tais como preço mais alto e compra de todos os tipos de animais disponíveis no rebanho, dentre outras condições, como é apresentado ao longo deste estudo.

Concorrem com a indústria de abate inspecionado, os agentes intermediários da cadeia produtiva, chamados de atravessadores e de marchantes. A diferenciação conceitual entre os dois agentes foi realizada de acordo com o que afirmam os agentes produtivos do município de Tauá (CE). No município, os atravessadores são aqueles que compram os ovinos vivos dos produtores rurais ou mesmo de outros atravessadores menores, formam lotes maiores e os vendem em outros municípios.

Em geral, os ovinos criados em Tauá são comercializados na região metropolitana de Fortaleza e abastecem tanto a indústria de abate inspecionado, quanto os abatedouros não inspecionados que atuam no município. Estas transações de ovinos vivos são realizadas em feiras que ocorrem no entorno da capital cearense. Existem situações em que os atravessadores terceirizam o abate de ovinos, seja para abatedouros formais ou para informais, e se encarregam da posterior venda da carne.

Os outros intermediários que atuam comprando ovinos dos produtores rurais são os chamados marchantes. A concepção local do termo “marchante” refere-se ao indivíduo que realiza a “marcha” em busca dos ovinos junto aos produtores rurais. Os marchantes são diferentes dos atravessadores, pois são agentes que se encarregam de realizar o abate, geralmente não inspecionado, bem como se encarregam da comercialização da carne em açougues ou restaurantes.

Considera-se que os produtores rurais possuem quatro principais canais de comercialização de seus ovinos vivos ou da carne ovina que produz. As três primeiras formas consistem na venda de ovinos vivos para: i) os abatedouros inspecionados; ii) para os atravessadores e, iii) para os marchantes. A quarta forma de comercialização seria a venda de carne ovina para o consumidor final, o que implica na realização do abate dos ovinos pelos próprios produtores rurais.

Deste modo, o objetivo do presente estudo é analisar a estrutura atual da cadeia de produção de carne ovina estabelecida no município de Tauá e os principais canais de comercialização utilizados pelos produtores rurais. Para tanto, é apresentada a contextualização da ovinocultura no mundo e no Brasil, com dados sobre rebanho e produção de carne; na sequência são apresentados os dados obtidos por meio de entrevistas com agentes-chave da cadeia produtiva e, também, por meio de questionários aplicados junto a 336 ovinocultores do município.

Para a condução do estudo, utiliza-se a concepção de que um sistema agroindustrial (SAG) é visto como um conjunto de relações contratuais entre empresas e agentes especializados, cujo objetivo final é disputar o consumidor de determinado produto, seja ele alimento, fibra ou energia. Deste modo, Zylbersztajn (2000) indica que os elementos fundamentais para uma análise de um SAG são: os agentes; as relações entre eles (transações); as organizações de apoio; e, o ambiente institucional. É a partir desta estrutura conceitual que são analisados os dados neste estudo.

2. Método para coleta e análise dos dados

Os produtores rurais criadores de ovinos no município de Tauá responderam a um questionário com questões fechadas, de múltiplas escolhas e também com questões abertas. O questionário foi composto por três blocos de questões: i) caracterização socioeconômica; ii) caracterização tecnológica; e iii) caracterização da comercialização. Em paralelo, foi elaborado um roteiro de entrevista estruturado para a obtenção de informações junto aos compradores de ovinos (atravessadores e marchantes) do mesmo município. As informações destes agentes de compra, de abate e de processamento subsidiaram a descrição da cadeia produtiva da carne ovina instalada no município. Tanto o questionário aplicado aos produtores rurais, quanto o roteiro de entrevista utilizado junto aos marchantes e atravessadores, são apresentados na seção de apêndices do presente estudo.

A população definida como foco da investigação foi composta pelos produtores rurais criadores de ovinos do município de Tauá (CE). Esta população era de 2.438 produtores rurais, com o rebanho total de 137.345 ovinos, de acordo com o Censo Agropecuário realizado pelo IBGE no ano de 2006. O tamanho da amostra, definido por meio de técnica de amostragem estatística, foi de 336 produtores rurais criadores de ovinos, equivalente a 13,8% da população foco da análise. Foram visitadas 77 comunidades rurais do município de Tauá entre os dias 09 e 19 de outubro do ano de 2012, quando os dados foram coletados.

3. Breve panorama do rebanho ovino no Brasil e no Mundo

O rebanho ovino mundial foi de 1,169 bilhão de animais no ano de 2012 (FAO, 2013), dos quais aproximadamente 73% estavam localizados nos países da Ásia e da África, o que demonstra a importância destas regiões no cenário internacional. Os cinco países que possuem os maiores rebanhos ovinos concentram aproximadamente 35,8% do rebanho mundial. Apesar de apresentar um crescimento no ano de 2011 em relação ao ano de 2010, o rebanho ovino chinês tem sido afetado por problemas relacionados à disponibilidade de água, ao avanço da agricultura sobre as áreas de pastagem, ao processo contínuo de degradação das áreas de pastagens e ao aumento contínuo dos custos de produção.

Por outro lado, há uma tendência de diminuição dos rebanhos nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A OCDE é uma organização internacional formada por 34 países que apresentam elevado PIB per capita e Índice de Desenvolvimento Humano e, em geral, são considerados países desenvolvidos. Dentre estes países destaca-se a Austrália onde, depois de um período de redução dos rebanhos quando passou de mais de 101 milhões de animais no ano de 2004 para cerca de 74 milhões no ano de 2012. Contudo, a Austrália ainda possui o terceiro maior rebanho ovino do mundo com 6,4% do rebanho (FAO, 2013).

A produção mundial de carne ovina no ano de 2012 foi de 8,4 milhões de toneladas, das quais 50% foram produzidas no continente asiático, 19,7% no continente africano, 13,6% no continente europeu, 11,9% na Oceania e apenas 4,9% nas Américas. Entre os anos de 2005 e 2010, houve um pequeno crescimento na produção, entretanto os valores permanecem muito próximos desde o ano de 2007, quando a produção mundial atingiu a marca de 8,57 milhões de toneladas. No ano de 2012, o Brasil apresentou o vigésimo maior rebanho ovino do mundo com aproximadamente 16,7 milhões de cabeças, representando 1,4% do rebanho mundial. Estes dados indicam grandes oportunidades para o crescimento desta atividade agropecuária no Brasil.

Apesar da retomada do crescimento da produção de ovinos a partir do ano de 2002, o setor enfrentou grandes desafios no Brasil durante a década de 1990. Neste período, o rebanho ovino nacional, que chegou a ser de aproximadamente 20,1 milhões de animais em 1991, atravessou anos de retração, chegando a 14,2 milhões de cabeças no ano de 1998. Um dos principais fatores para o declínio da atividade estava vinculado à difusão de lã sintética, capaz de substituir com eficiência a lã produzida a partir de ovelhas. Comprova-se este fato ao observar que o rebanho ovino do Estado do Rio Grande do Sul que chegou a 11,2 milhões de animais em 1988 e, em 2012, contava com 4 milhões de cabeças em seu rebanho (IBGE, 2013). Problemas de governança no processo de reestruturação da cadeia produtiva da no Rio Grande do Sul também contribuíram para a crise na atividade. No entanto, o Estado do Rio Grande do Sul sempre se manteve como o detentor do principal rebanho ovino brasileiro.

O rebanho ovino da região Nordeste do Brasil, tradicionalmente direcionado à produção de carne, e não de lã, atravessou as décadas de 1980 e de 1990 com um rebanho médio de 7 milhões de animais, sem grandes oscilações. A partir do ano 2000, o crescimento do rebanho nordestino acelerou, chegando a 9,3 milhões de cabeças no ano de 2012. A tabela 01 apresenta os dados da evolução do rebanho ovino no Brasil e nas seis regiões do país.

Tabela 01 – Rebanho ovino por região no Brasil

	2009	2010	2011	% 2011	2012	% 2012
Brasil	16.811.721	17.380.581	17.668.063	-	16.789.492	-
Nordeste	9.566.968	9.857.754	10.112.726	57,2	9.325.885	55,5
Sul	4.807.596	4.886.541	4.947.003	28,0	5.042.222	30,0
Centro-Oeste	1.127.878	1.268.175	1.209.581	6,8	1.078.316	6,4
Sudeste	762.133	781.874	771.190	4,4	744.426	4,4
Norte	547.146	586.237	627.563	3,6	598.643	3,6

Fonte: IBGE (2013).

A tabela 02 apresenta o tamanho dos rebanhos ovinos dos principais estados produtores no Brasil. Destaca-se que, apesar da região Nordeste do país concentrar 57,2% do rebanho ovino, o estado que possui o principal rebanho é o Rio Grande do Sul com 4 milhões de cabeças, o que equivale a 22,6% do rebanho nacional. Além do Rio Grande do Sul destacam-se a Bahia com 17,4%, o Ceará (12,1%), Pernambuco (10,5%) e o Piauí com 7,9% do rebanho brasileiro. A região Nordeste é caracterizada por possuir o maior rebanho ovino brasileiro. Este rebanho está distribuído entre os diversos estados da região, o que caracteriza a fragmentação da atividade produtiva. Esta fragmentação gera dificuldades para organização do setor e também para a articulação eficiente entre os agentes da cadeia produtiva.

Tabela 02 – Rebanhos ovinos por Estados brasileiros selecionados

	2009	2010	2011	2012	Ranking
Brasil	16.811.721	17.380.581	17.668.063	16.789.492	-
Rio Grande do Sul	3.946.349	3.979.258	4.000.297	4.095.648	1
Bahia	3.028.507	3.125.766	3.072.176	2.812.360	2
Ceará	2.071.098	2.098.893	2.142.567	2.071.096	3
Pernambuco	1.487.228	1.622.511	1.856.351	1.652.883	4
Piauí	1.387.279	1.392.861	1.397.864	1.240.423	5

Fonte: IBGE (2013)

Tauá (CE) é o terceiro maior município brasileiro em quantidade de estabelecimentos rurais que possuem ovinos, com 2.438 estabelecimentos, sendo superado apenas pelos municípios baianos de Monte Santo (4.546 estabelecimentos) e Casa Nova (3.995 estabelecimentos) de acordo com o Censo Agropecuário de 2006 realizado pelo IBGE. De acordo com este mesmo levantamento existem 438.623 estabelecimentos rurais com algum rebanho ovino no Brasil. A tabela 03 apresenta os dados de estabelecimentos rurais e rebanhos ovinos e a importância do município de Tauá para a atividade.

Tabela 03 – Ovinocultura em Tauá: propriedades e rebanho

	Brasil	Nordeste	Ceará	Tauá
Propriedades com Ovinos (Censo Agropecuário, 2006)	438.623	311.125	58.399	2.438
Rebanho Ovino no ano de 2012 (Pesquisa Pecuária Municipal, 2013)	16.789.492	9.325.885	2.071.096	135.600

Fonte: IBGE (2006; 2013)

Em termos de rebanho o município de Tauá possui o 10º maior rebanho de ovinos entre os municípios brasileiros com 135.600 animais de acordo com os dados da Pesquisa Pecuária Municipal realizada pelo IBGE para o ano de 2012. Este estudo revelou que o município brasileiro com o maior rebanho é Sant'Ana do Livramento (RS) com 408.406 ovinos. Na região Nordeste, Tauá possui o 2º maior rebanho, sendo superado apenas por Casa Nova (BA) com 150.729 ovinos (IBGE, 2013). Estes dados revelam a importância do município de Tauá para a ovinocultura brasileira, nordestina e, especialmente, cearense.

4. A cadeia produtiva da carne ovina no município de Tauá

A descrição da cadeia produtiva da ovinocultura de corte no município de Tauá é realizada a seguir e está estruturada conforme sugerido Zylbersztajn (2000). As características de comercialização, combinadas com a análise do ambiente institucional também serão apresentadas e discutidas em detalhes nas seções que se seguem. O ambiente institucional, que é composto pela legislação, pelas normas formais e normas informais, como costumes e tradição, orienta o comportamento de todos os agentes e é analisado neste estudo.

A configuração do ambiente organizacional é igualmente analisada, destacando o papel das principais organizações que atuam no setor. Os agentes que participam da cadeia produtiva da carne ovina no município de Tauá são: consumidores finais, açougues, supermercados, feiras, abatedouro informal, abatedouro formal (localizado no município de Fortaleza - CE), atravessadores, marchantes, produtores rurais e fornecedores de insumos.

Os consumidores finais da carne ovina produzida no município de Tauá não se restringem ao próprio município. Em função da grande produção de carne ovina no município, Tauá é considerado um dos principais fornecedores de carne ovina para os restaurantes e feiras de Fortaleza, capital do estado do Ceará. A carne ovina que chega aos consumidores finais em Fortaleza é oriunda tanto de abate formal, que ocorre em frigorífico da capital, quanto do abate informal realizado no entorno da capital e também nas cidades do interior do estado.

Portanto, o perfil dos consumidores da carne ovina produzida em Tauá é diversificado e vai desde os consumidores exigentes que frequentam restaurantes refinados da capital cearense, até os consumidores mais tradicionais, menos preocupados com a origem e com o processo de fabricação do produto.

Os principais canais de distribuição da carne ovina são as feiras, as casas de carne (açougues), os supermercados e os restaurantes. Em função dos diferentes níveis de exigência e da frequência de fiscalização, a tendência é que a carne ovina oriunda do abate inspecionado seja mais encontrada nos supermercados e restaurantes. Por outro lado, a carne ovina oriunda do abate não inspecionado predomina nas feiras, nos açougues (especialmente os localizados nos municípios do interior do estado) e em alguns restaurantes tanto da capital quanto das cidades menores.

O setor de abate de ovinos e processamento da carne ovina é formado por uma grande diversidade de agentes. Praticamente todos os abates inspecionados de ovinos são praticados na região metropolitana de Fortaleza, mesmo para os ovinos produzidos no município de Tauá. No entanto, como ressaltado anteriormente, a grande maioria dos abates de ovinos ocorre à margem do sistema de inspeção e é não inspecionado. O abate não inspecionado pode ser realizado pelo produtor rural e por outros agentes da cadeia produtiva, tais como os marchantes.

Os marchantes, geralmente, são proprietários de açougues ou restaurantes. Eles possuem algum local, não inspecionado, em que realizam os abates e normalmente estão localizados nas periferias dos municípios do estado. Já os atravessadores exercem uma função diferente dos marchantes para a cadeia produtiva. O atravessador exerce um importante papel de facilitador logístico na cadeia produtiva, pois eles compram os ovinos diretamente dos produtores rurais, formam lotes maiores e vendem os animais vivos.

Os atravessadores entrevistados afirmaram que utilizam estruturas físicas próprias, como currais e apriscos, para manter os ovinos que compram dos produtores rurais, até formarem lotes maiores para transporte. Em alguns casos, os atravessadores realizam atividades de engorda dos ovinos por meio de sistemas de confinamento, visando melhorar seus resultados econômicos. Seus lotes de ovinos é que abastecem os abatedouros inspecionados privados de Fortaleza, bem como também abastecem os abatedouros não inspecionados de diversos municípios da região.

Outro importante aspecto da cadeia produtiva da carne ovina no município de Tauá é a presença do matadouro público municipal. Criado como uma forma de estimular o abate inspecionado, o matadouro público não apresenta as condições sanitárias ideais e gera resistência por parte dos agentes produtivos locais para seu uso. Alguns marchantes entrevistados afirmaram que as condições de abate em seus locais não inspecionados são melhores do que as do matadouro público. O elevado custo para a realização do abate no matadouro público, de acordo com os entrevistados, também é um fator que limita a sua utilização.

O setor de fornecimento de insumos da cadeia produtiva da carne ovina no município de Tauá é composto por casas agropecuárias do município e por produtores rurais especializados em criação de matrizes e reprodutores de alta genética. É pequena a utilização de insumos diferenciados e de tecnologia nos sistemas de produção, tendo a sua utilização limitada a poucos produtores rurais. Apesar de aparentemente serem poucos os agentes que participam desta cadeia produtiva, suas relações são complexas, o que dificulta a sua

compreensão e o processo de formulação de políticas para a redução da informalidade e para o desenvolvimento dos sistemas produtivos no setor.

4.1 Definindo as transações de ovinos realizadas pelos produtores rurais

Os principais canais utilizados pelos produtores rurais para comercializar seus ovinos vivos ou a carne ovina proveniente do abate realizado na propriedade rural são: venda direta de carne ao consumidor final, venda de animais vivos aos atravessadores, venda de animais vivos aos marchantes, venda de carne ovina para marchantes e venda de animais vivos para abatedouros inspecionados. Foi constatado que 16,7% dos produtores realizam o abate de ovinos com o intuito de comercializar a carne produzida, enquanto 83,3% costumam vender os ovinos vivos para os atravessadores ou para os marchantes. Na tabela 04 é apresentada a frequência de venda para cada tipo de comprador, como informado pelos produtores rurais entrevistados.

Tabela 04 – Principais canais de comercialização de ovinos vivos e de carne ovina em Tauá

Vende	Consumidor Final		Abatedouro Inspeccionado		Atravessador		Marchante	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	44	13,1	4	1,2	247	73,5	80	23,8
Não	292	86,9	332	98,8	89	26,5	256	76,2
Total	336	100	336	100	336	100	336	100

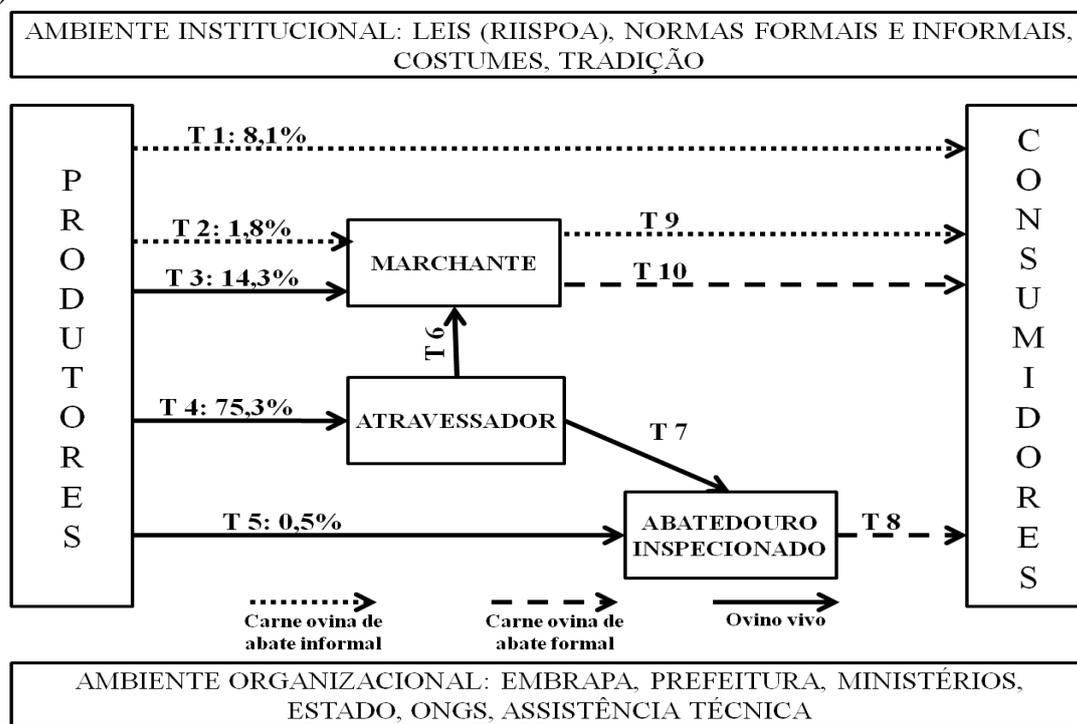
Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Os produtores rurais normalmente utilizam mais de um canal de comercialização para escoar sua produção. O principal canal de comercialização, que é utilizado por 73,5% dos produtores rurais é a venda de ovinos vivos ao atravessador. A venda de carne ovina, que é proveniente do abate não inspecionado realizado na propriedade rural, é realizada por 13,1% dos produtores. Por outro lado, apenas 1,2% dos produtores rurais entrevistados realizam a venda de ovinos vivos diretamente para os abatedouros inspecionados. Este dado indica que os abatedouros inspecionados utilizam os atravessadores como estratégia para a compra de ovinos no município de Tauá e não a negociação direta com os produtores rurais. A figura 01 apresenta o mapa das transações realizadas na cadeia produtiva da carne ovina no município de Tauá.

As principais características das transações analisadas neste estudo são descritas a seguir. A descrição das transações indica entre quais agentes produtivos elas são realizadas e como elas são classificadas em relação ao cumprimento da legislação sanitária no abate dos ovinos, se são formais ou se são informais. As transações informais se referem à comercialização de carne ovina proveniente do abate não inspecionado realizado pelo produtor rural. As transações formais (classificada apenas sob a ótica da realização do abate) são aquelas em que os ovinos são comercializados ainda vivos.

Na figura 01, as transações informais estão representadas pelas linhas com traços pontilhados e as transações formais representadas pelas linhas com traços inteiros. As transações informais analisadas neste estudo são a **T1** (produtor rural – consumidor final) e a **T2** (produtor rural – marchante que compra carne ovina).

Figura 01 – Mapa das transações dos produtores na cadeia produtiva da carne ovina em Tauá (CE)



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Descrição das transações realizadas pelos produtores rurais no município de Tauá:

T1: transação de carne ovina realizada entre o produtor rural e o consumidor final. Esta transação é considerada **informal**, pois o abate de ovinos é realizado na propriedade rural à margem dos sistemas de inspeção sanitária.

T2: transação de carne ovina realizada entre o produtor rural e o marchante que compra carne ovina. Esta transação também é considerada **informal**, pois o abate de ovinos é realizado na propriedade rural à margem dos sistemas de inspeção sanitária.

T3: transação de ovinos vivos realizada entre o produtor rural e o marchante. Esta transação é considerada **formal** sob a ótica do abate que não é realizado pelo produtor na propriedade rural.

T4: transação de ovinos vivos entre o produtor rural e o atravessador. Esta transação também é considerada **formal** sob a ótica do abate que não é realizado pelo produtor na propriedade rural.

T5: transação de ovinos vivos entre o produtor rural e o matadouro inspecionado. Esta transação também é considerada **formal** sob a ótica do abate que não é realizado pelo produtor na propriedade rural.

T6: transação de ovinos vivos entre o atravessador e o marchante. É considerada **formal** pois são comercializados ovinos vivos, sem que aconteça o abate não inspecionado.

T7: transação de ovinos vivos entre o atravessador e o matadouro inspecionado. Também é considerada **formal**, pois são comercializados ovinos vivos, sem que aconteça o abate não inspecionado.

T8: transação de carne ovina realizada entre o matadouro inspecionado e o consumidor final. É considerada **formal**, pois envolve carne ovina proveniente de abate inspecionado.

T9: transação de carne ovina realizada entre o marchante e o consumidor final. É considerada **informal** quando a carne ovina comercializada é proveniente de abate não inspecionado.

T10: transação de carne ovina realizada entre o marchante e o consumidor final. É considerada **formal** quando a carne ovina é proveniente de abate inspecionado, como exemplo o abate terceirizado de ovinos no abatedouro municipal.

4.2 Os produtores e as transações realizadas

Na tabela 05 são apresentadas a quantidade de ovinos vivos e carne ovina comercializada pelos produtores da amostra no ano de 2012. Todos os valores apresentados foram obtidos por meio das respostas dos produtores ao questionário, não tendo sido realizadas extrapolações e estimativas para a população de produtores do município.

O total de animais comercializados pelos produtores rurais entrevistados foi 12.855 ovinos. Por meio do questionário, os produtores rurais informaram quantos ovinos vivos ou quantos quilos de carne ovina eles comercializaram. Para padronizar a apresentação dos dados referentes à quantidade de ovinos comercializados, os dados apresentados pelos produtores em quilos foram convertidos em animais¹ (unidades). As transações T1 e T2 apresentam a quantidade de carne ovina oriunda do abate informal realizado pelos produtores rurais entrevistados. Este abate informal é o realizado sem o cumprimento da legislação sanitária no Brasil.

Tabela 05 – Quantidade de carne ovina e de ovinos vivos comercializados pelos produtores no ano de 2012

	Soma	Média	Desvio Padrão
T1 - Consumidor final: quantidade total de carne ovina vendida	15.580 kg	556,4 kg	752,4 kg
T2 - Marchante: quantidade total de carne vendida	3.549 kg	221,8 kg	233,9 kg
T3 - Marchante: quantidade total de ovinos vendidos	1.844 (un.)	37,6 (un.)	45,9 (un.)
T4 - Atravessador: quantidade total de ovinos vendidos	9.676 (un.)	43,0 (un.)	137,7 (un.)
T5 - Abatedouro inspecionado: quantidade total de ovinos vendidos	60 (un.)	30,0 (un.)	35,4 (un.)

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Assim, observa-se que em cada tipo de transação os produtores entrevistados comercializaram as seguintes quantidades de ovinos:

¹ Foi realizada a conversão da quantidade de carne ovina vendida em animais vendidos. Este cálculo foi realizado considerando que os ovinos comercializados no município possuem em média 30 kg quando vivos e que geram um rendimento médio de carcaça de 15 kg. Portanto, a quantidade de carne vendida foi dividida por 15 e o resultado expressa a quantidade de ovinos vendidos.

- a) **T1 (informal)**²: 28 produtores informaram que venderam, em forma de carne, o equivalente a 1039 animais aos consumidores finais (ou 15.580 kg de carne), o que representa 8,1% do total de ovinos negociados pelos 336 produtores rurais entrevistados;
- b) **T2 (informal)**: aos marchantes que compram carne ovina, foram vendidos, em forma de carne, o equivalente a 237 animais, que representa 1,8% do total negociado pelos produtores rurais entrevistados (3.549 kg de carne ovina);
- c) **T3 (formal)**: aos marchantes que compram ovinos vivos, foram vendidos 1.844 animais (14,3% do total negociado pelos produtores rurais entrevistados);
- d) **T4 (formal)**: aos atravessadores, foram vendidos 9.676 ovinos (75,3% do total negociado pelos produtores rurais entrevistados) e,
- e) **T5 (formal)**: aos abatedouros inspecionados, que estão localizados em outros municípios, foram vendidos 60 ovinos (0,5% do total negociado pelos produtores rurais entrevistados).

A atuação direta dos abatedouros inspecionados junto aos produtores rurais analisados nesta amostra é irrelevante e demonstra que eles provavelmente utilizam a estratégia de compra direta de atravessadores (T7) e não dos produtores rurais (T5).

As transações informais realizadas pelos produtores rurais (T1 e T2) representam 9,9% do total de ovinos comercializados pelos produtores entrevistados no município de Tauá. Apesar de ser um valor pequeno em termos de participação no total de animais comercializados, o abate não inspecionado realizado pelos produtores é importante por sua influência na composição da renda das famílias destes produtores.

De acordo com as estimativas de Sorio e Rasi (2010) o abate informal de ovinos atinge cerca de 90% do mercado nacional da carne ovina. Considerando esta informação, estima-se que dos 12.855 ovinos comercializados pelos produtores entrevistados (ovinos vivos ou em forma de carne), 11.570 (90%) tenham sido abatidos informalmente, seja pelos produtores rurais ou por outros agentes da cadeia produtiva.

Portanto, estima-se que os produtores rurais sejam responsáveis por 11% (1.275 animais) dos abates não inspecionados realizados na cadeia produtiva da carne ovina do município de Tauá (CE). Os demais 89% (10.294 animais) dos abates não inspecionados são realizados pelos marchantes e por outros abatedouros não inspecionados que compram os ovinos dos atravessadores.

4.3 Quem são e como atuam os compradores de ovinos e carne ovina em Tauá (CE)

Conforme descrito anteriormente, existem dois tipos de compradores de ovinos vivos no município de Tauá: atravessadores e marchantes. Os atravessadores são aqueles que compram e vendem animais vivos, neste caso os ovinos. Já os marchantes são aqueles que compram os animais vivos e fazem o abate dos mesmos. Os marchantes podem ainda comprar a carne de ovino já abatido pelo próprio produtor rural na propriedade. Existem pessoas que atuam tanto como atravessadores quanto como marchantes e isto justifica a repetição de alguns nomes quando os produtores rurais são solicitados a indicar os nomes dos compradores de seus animais ou de sua carne.

² Ressalva: alguns produtores que afirmaram vender carne ao consumidor final não informaram a quantidade vendida, sendo que 44 produtores que afirmaram vender carne aos consumidores finais.

Foram identificados 158 atravessadores que compram ovinos vivos em Tauá. A forma utilizada para identificar estes atravessadores foi solicitar que cada produtor rural citasse até três nomes de atravessadores com os quais comercializa ovinos vivos. Foram realizadas 488 citações, que faziam combinações entre 158 nomes de diferentes atravessadores. Os produtores rurais não podiam citar o mesmo nome mais de uma vez. Por uma questão de sigilo os nomes dos atravessadores e marchantes citados foram substituídos por letras. A tabela 06 apresenta os principais atravessadores que trabalham no município comprando ovinos vivos de acordo com as citações pelos produtores rurais.

Tabela 06 – Principais atravessadores no município de Tauá (% de citações pelos produtores)

Ranking	Nome	Citações	%	% cumulativo
1º	AA	34	7,0	7,0
2º	BB	16	3,3	10,2
3º	CC	15	3,1	13,3
4º	DD	14	2,9	16,2
5º	EE	14	2,9	19,1
6º	FF	13	2,7	21,7
7º	GG	13	2,7	24,4
8º	HH	13	2,7	27,0
9º	II	12	2,5	29,5
10º	JJ	11	2,3	31,8
11º	KK	11	2,3	34,0
12º	LL	10	2,0	36,1
	Outros	312	63,9	100
	Total	488	100	

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Os dados apresentados na tabela 06 revelam que existem muitos atravessadores atuando no município e que há uma grande fragmentação entre os produtores. Este fato pode ser explicado pela estrutura de comercialização de ovinos predominante no município. Além dos questionários aplicados junto aos produtores, foram entrevistados 7 (sete) atravessadores e marchantes com o intuito de esclarecer sua atuação e estratégia para compra e venda de ovinos.

Ficou evidente que os principais atravessadores, além de manterem as compras diretas de alguns produtores rurais, geralmente compram animais de outros atravessadores. Estes outros atravessadores são menores e estão mais próximos dos produtores rurais e formam uma espécie de “rebanho de escala” na comunidade e se encarregam de fazer o transporte até um atravessador “maior”. Há uma rede de suprimentos de ovinos com diferentes estágios, partindo dos produtores, passando por atravessadores menores e com atuação localizada nas comunidades vizinhas, e chegando aos atravessadores maiores que negociam lotes maiores de animais com compradores do município e de outros municípios, com destaque para Fortaleza (CE).

O ranking apresentado na tabela 06 não representa a quantidade de animais comercializada por cada atravessador, pois esta informação não foi obtida no levantamento realizado. No entanto, em estimativas obtidas durante as entrevistas realizadas, acredita-se que se fosse considerada a quantidade de ovinos negociada a ordem do ranking não sofreria alterações significativas.

Na tabela 07 são apresentados os principais marchantes compradores de ovinos vivos citados pelos produtores rurais entrevistados. Foram citados 57 marchantes em um total de 95 citações. Dentre os marchantes que compram animais vivos mais citados pelos produtores estão alguns proprietários de casas de carne (açougues), restaurantes e a cooperativa Casa da Manta. Diferente dos atravessadores, no caso dos marchantes que compram animais vivos para o abate, há uma concentração maior, visto que os doze marchantes principais marchantes foram citados por 50,5% dos produtores rurais. Os nomes dos citados nesta seção também foram transformados em letras por questão de sigilo.

Tabela 07 – Principais marchantes compradores de ovinos vivos (% de citações pelos produtores)

Ranking	Nome	Citações	%	% Cumulativo
1º	AA	8	8,4	8,4
2º	BB	7	7,4	15,8
3º	CC	7	7,4	23,2
4º	DD	5	5,3	28,4
5º	EE	4	4,2	32,6
6º	FF	3	3,2	35,8
7º	GG	3	3,2	38,9
8º	HH	3	3,2	42,1
9º	II	2	2,1	44,2
10º	JJ	2	2,1	46,3
11º	KK	2	2,1	48,4
12º	LL	2	2,1	50,5
	Outros	47	49,5	100,0
	Total	95	100	

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Na tabela 08 são apresentados os principais marchantes compradores de carne ovina (animal já abatido pelo produtor rural), citados pelos produtores rurais entrevistados. Foram citados 29 marchantes compradores de carne ovina diretamente dos produtores rurais, em um total de 39 citações. Neste mercado também há uma concentração maior, onde os dez principais marchantes foram citados em 51,3% dos casos. Entre estes marchantes estão restaurantes, casas de carne e o Programa de Aquisição de Alimentos da prefeitura municipal. Os nomes dos citados nesta seção também foram transformados em letras por questão de sigilo.

Tabela 08 – Principais marchantes compradores de carne ovina (% de citações pelos produtores)

Ranking	Nome	Citações	%	% Cumulativo
1º	AA	3	7,7	7,7
2º	BB	3	7,7	15,4
3º	CC	3	7,7	23,1
4º	DD	2	5,1	28,2
5º	EE	2	5,1	33,3

6º	FF	2	5,1	38,5
7º	GG	2	5,1	43,6
8º	HH	1	2,6	46,2
	Outros	21	53,9	100,0
	Total	39	100,0	

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

A seguir são descritas as principais características do ambiente institucional que envolve os agentes e as transações realizadas na cadeia produtiva da carne ovina no município de Tauá.

4.4 Ambiente institucional da cadeia produtiva da carne ovina em Tauá (CE)

O ambiente institucional formal estabelece os padrões legais os quais os produtores rurais e os demais agentes da cadeia produtiva precisam seguir para realizar o abate dos ovinos. No entanto, os agentes produtivos encontram dificuldades no município de Tauá para realizar o abate inspecionado, especialmente em função da dificuldade de acesso ao abatedouro inspecionado (seja o abatedouro municipal ou algum abatedouro privado inspecionado) e ao elevado custo de abate que inviabiliza a ação de agregação de valor pelo produtor rural.

Como estes são problemas muito antigos no município, a sociedade adaptou-se e aceita que a carne produzida e comercializada no município seja oriunda de abates não inspecionados, independente de quem os realize. Neste caso, nota-se uma adaptação do ambiente institucional informal, onde o consumo de carne ovina oriunda de abate informal passou a ser aceitável.

O ambiente institucional informal na ovinocultura de corte também deve ser analisado para a melhor compreensão da informalidade na atividade. Os fatores institucionais informais incluem aspectos culturais e comportamentais que predominam entre os agentes da cadeia de produção e moldam seu modo de agir. Em entrevistas realizadas com marchantes e atravessadores que atuam no município de Tauá foi possível identificar que a prática do abate não inspecionado é comum e muitas vezes vista como mais segura para o consumidor final quando comparada com o abate realizado no matadouro público do município.

O abatedouro público do município está em funcionamento e, na opinião dos entrevistados, não apresenta condições sanitárias adequadas para garantir a qualidade do produto. Tendo em vista esta limitação de segurança, o alto custo de transporte e de abate de cada ovino e a ausência de fiscalização sanitária, o abate realizado fora do matadouro público torna-se uma atividade mais lucrativa para os produtores rurais.

Para os produtores, marchantes e atravessadores entrevistados, os compradores não estão preocupados com o modo e o local de abate a que são submetidos os ovinos. A preocupação dos consumidores está mais em aspectos como: a) não serem enganados no ato da compra (comprar carne de outros animais como sendo de ovinos) e b) preço. Os aspectos de qualidade da carne são vinculados à boa reputação que o vendedor tem perante o comprador da carne, estabelecida normalmente por meio do relacionamento de longo prazo e da amizade.

Para que o abate seja inspecionado, os produtores rurais e os outros agentes da cadeia produtiva têm duas opções: I) terceirizar o abate no matadouro público municipal; e II) terceirizar o abate em algum abatedouro inspecionado privado. As limitações do abate no matadouro municipal foram apresentadas anteriormente. Já em relação ao abate em abatedouro privado a limitação está na distância que teriam que percorrer os produtores rurais,

tendo em vista que no município de Tauá não existe este serviço. Os abatedouros inspecionados estão localizados em municípios distantes mais de 300 quilômetros de Tauá, como é o caso do município de Fortaleza. Neste caso os custos logísticos e a pequena escala de produção inviabilizam a atividade.

Quando os aspectos do ambiente formal e do ambiente informal são confrontados, tornam-se evidentes os incentivos ao comportamento informal por parte dos produtores rurais e dos demais agentes da cadeia produtiva. No entanto, apesar da informalidade “viabilizar” a atividade produtiva para os agentes, ela agrega riscos à saúde dos consumidores, provoca a evasão fiscal e dificulta o desenvolvimento do setor produtivo tanto em termos de políticas públicas, quanto para a entrada de novas empresas no setor, tendo em vista a concorrência desleal a que seriam submetidas.

4.5 Ambiente organizacional em Tauá (CE)

O ambiente organizacional da cadeia produtiva da carne ovina no município de Tauá é composto por uma grande quantidade de organizações que trabalham isoladamente, realizando algumas atividades em duplicidade e deixando de realizar outras que seriam importantes para o desenvolvimento do setor. As principais demandas apresentadas pelos produtores rurais são por assistência técnica rural, apesar da quantidade significativa de instituições públicas e sem fins lucrativos que atuam na região com este propósito.

Algumas das principais organizações de apoio que atuam na cadeia produtiva carne ovina no município de Tauá, são: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (EMATERCE), Instituto Agropolos do Ceará, SEBRAE, Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), Banco do Nordeste, Prefeitura Municipal de Tauá, Sindicato Patronal Rural de Tauá, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Cooperativa dos Produtores de Ovinos e Caprinos de Tauá (COMANTA) e a Associação dos Criadores de Ovinos e Caprinos dos Inhamuns (ASCOCI).

Em uma reunião realizada pela Embrapa Caprinos e Ovinos e o Ministério da Integração no município de Tauá, estiveram presentes 22 organizações, que têm como objetivo principal ou secundário, o apoio ao desenvolvimento da atividade da ovinocultura no município e na região. Dentre estas organizações foram identificadas empresas de pesquisa, empresas de assistência técnica estatal, organizações não governamentais (ONGs) e organizações da sociedade civil de interesse público (OSCIPs) com foco na assistência técnica rural, bancos, institutos, empresas privadas de assistência técnica, secretarias de governo municipal e Ministério da Integração Nacional.

Ao longo de um dia de reunião em que estas organizações discutiram quais eram os principais problemas da cadeia produtiva da ovinocultura, concluiu-se que a falta de foco no planejamento e execução de suas ações de apoio à atividade era o principal problema. A solução proposta foi a formação de um comitê, composto por representantes destas instituições, que se reunisse com periodicidade definida para discutir a articulação das atividades, diminuindo as duplicidades de ações e aumentando sua eficiência. No entanto, o ambiente organizacional da cadeia produtiva da carne ovina no município de Tauá continua desarticulado e os produtores rurais acabam por não contar com o apoio destas organizações para o aprimoramento de suas atividades produtivas.

5 Considerações Finais

Conclui-se que a cadeia produtiva da carne ovina no município de Tauá é dinâmica, apresenta grande volume de produção, mas com baixo nível de formalização nas transações,

no abate dos ovinos e na comercialização da carne produzida. Foi demonstrado que 13,3% dos produtores rurais entrevistados realizam o abate não inspecionado de ovinos. Eles são responsáveis pelo abate de 9,9% dos ovinos produzidos no município. Do restante dos ovinos, apenas 0,5% são vendidos diretamente aos abatedouros inspecionados e 89,6% são vendidos vivos aos atravessadores e marchantes.

Conclui-se, ainda, que existe pouca articulação entre as organizações de apoio à cadeia produtiva, o que tem gerado esforços redundantes e pouco eficientes em relação ao propósito de desenvolvimento desta atividade produtiva. Deste modo, existe a necessidade de que as políticas públicas para desenvolvimento da atividade no município contemplem tais constatações para que tenham efetividade em suas ações de intervenção nesta cadeia produtiva.

Referências

CARVALHO, D. M.; SOUZA, J. P. Análise da cadeia produtiva de caprino-ovinocultura em Garanhuns. XLVI CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. **Anais...**, 2008. Rio Branco. Disponível em:

<<http://www.sober.org.br/palestra/9/673.pdf>>. Acesso em: 21/12/2010.

FAO. Food and agriculture organization of the United States. **FAOSTAT**, 2013, disponível em: <<http://faostat.fao.org/site/569/DesktopDefault.aspx?PageID=569#ancor>>, acesso em: 12/02/2014 às 14:50.

GRUNERT, K. G. Food quality and safety: consumer perception and demand. **European Review of Agricultural Economics**, v. 32, n. 3, p. 369-391, 2005. Disponível em: <<http://erae.oupjournals.org/cgi/doi/10.1093/eurrag/jbi011>>. Acesso em: 17/1/2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2006**. Brasília, 2006.

_____. Pesquisa Pecuária Municipal, 2013. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>, acessado em: 10 mar. 2014.

MARTINS, E. C.; CUENCA, M. A. G.; SANTOS, A. S.; et al. **Caracterização do Consumo das Carnes Caprina e Ovina em Alagoas**. 2008. Sobral. Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/CPATC-2010/20744/1/doc82.pdf>>. Acesso em: 21/12/2010.

SORIO, A.; RASI, L. Ovinocultura e abate clandestino: um problema fiscal ou uma solução de mercado? **Revista de Política Agrícola**, n. 1, p. 71-83, 2010.

ZYLBERSZTAJN, D. Economia das Organizações. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVEZ, M. F. **Economia e Gestão dos negócios agroalimentares**: indústria de alimentos, indústria de insumos, produção agropecuária, distribuição. São Paulo: Pioneiros, 2000.